

## As práticas solidárias de um bispo: Dom Luciano

Ricardo Rezende Figueira<sup>1</sup>

### Resumo:

O autor recupera memórias das práticas solidárias de dom Luciano Mendes de Almeida à diocese de Conceição do Araguaia, no Pará, e à igreja da Amazônia nos momentos de perseguição, riscos de vida e mortes entre os anos 1979 e 1994. Revela um bispo sensível às causas dos trabalhadores em regime de escravidão e às lutas camponesas, uma das figuras mais fascinantes da Igreja Católica no Brasil no segundo quarto do século XX. Durante a ditadura e durante os anos de reconstrução do processo democrático do país, apoiou de forma incondicional trabalhadores rurais, posseiros, padres e bispos quando estava em causa a justiça.

Palavras chaves: Dom Luciano Mendes de Almeida, Igreja na Amazônia, Comissão Pastoral da Terra, violência no campo e ação pastoral da Igreja.

### Solidary practices of a bishop: Dom Luciano

### Abstract:

The work recovers the memories and practices of Dom Luciano Mendes de Almeida at the Conceição do Araguaia Diocese, in Pará, and at the Church of the Amazon in the moments of persecution, risk of lives and deaths between 1979 and 1994. A bishop; who is sensitive to the causes of the workers in slavery regime, and peasant fights; is revealed as one of the most fascinating characters of the Catholic Church in Brazil, in the second quarter of the 20<sup>th</sup> century. During the dictatorship and during the years of reconstruction of the democratic process of the country, he supported, unconditionally, rural workers, peasants, priests, and bishop in matters of justice.

Key Words: Dom Luciano Mendes de Almeida, Church in Amazon, Pastoral Committee of Earth, violence in the country and pastoral action of Church.

### O bispo, a igreja e a sociedade

Em 27 de agosto de 2006, circulou uma notícia que deixou entristecidos a comunidade católica e os setores considerados progressistas da sociedade brasileira. Morreu dom Luciano Mendes de Almeida, jesuíta conhecido e respeitado e arcebispo de Mariana, Minas Gerais. No entanto ele era mais do que de Mariana. Era considerado um bispo de dimensão internacional, pastor de cristãos e não cristãos. Homem de diálogo, com clareza de propósitos. Simples e humilde nas relações; ao mesmo tempo sofisticado, doutor em filosofia. Mas também era mais do que isso. O teólogo Faustino Teixeira

---

<sup>1</sup> Padre da Diocese de Conceição do Araguaia, antropólogo e professor no Depto. de Serviço Social da PUC-Rio.

escreveu sobre dom Luciano, como alguém que deu “um testemunho de profecia e coragem”; sua morte provocou um sentimento de “orfandade”. Dom Luciano foi secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de 1979 a 1987 e seu presidente de 1987 a 1996. Conforme o teólogo:

*Foram, talvez, os anos mais ricos deste importante organismo, quando a Igreja Católica brasileira firmou-se como uma das mais dinâmicas de todo o mundo, com marcado e decisivo compromisso com as causas sociais mais nobres: a pastoral da terra, a defesa dos índios, negros, mulheres, operários, a luta contra a violência, a defesa do solo urbano e o direito ao trabalho (Faustino, 2006).<sup>2</sup>*

Teixeira enfatizou dois aspectos da trajetória de dom Luciano, as dificuldades na relação intra-ecclesial, quando Roma, em uma perspectiva de centralidade e uniformidade, colocou no “ostracismo” figuras admiráveis da própria igreja brasileira, inclusive membros da coordenação da CNBB. O teólogo poderia citar por exemplo que a nomeação de dom Luciano arcebispo de Mariana causou estranheza à Igreja no Brasil. Como não reservaram para ele uma região com maior importância pastoral e política, com acesso a aeroporto moderno e vôos regulares, pois suas responsabilidades o obrigavam a deslocamentos freqüentes? Alguns viam na ação da Cúria Romana uma forma de segregar um dos quadros mais qualificados da igreja do país. O segundo aspecto foi o da relação com o Estado que perseguiu implacavelmente os setores da igreja envolvidos na defesa dos direitos humanos.

A minha abordagem será sob o segundo aspecto, o compromisso de dom Luciano com as causas sociais abraçadas pela igreja Amazônica e pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Vou recuperar algumas memórias de anos difíceis para camponeses e agentes de pastoral.

Desde 1979, os encontros de membros da diocese de Conceição do Araguaia, Sul do Pará, e ele se tornaram freqüentes. A diocese tinha nele um apoio seguro e atento. Vou enumerar alguns desses momentos.

#### Novo bispo chega à capital

1979. O irlandês da congregação redentorista José Patrício Hanrahan, logo após a sua sagração episcopal e a posse como pastor da diocese de Conceição do Araguaia, foi eleito presidente do regional da CNBB Norte II<sup>3</sup>. E viajou em seguida para uma reunião dos presidentes de Regionais na CNBB em Brasília. Desembarcando na capital federal, dom José se deparou com um coronel na porta da aeronave. O militar lhe informou que o general Danilo Venturini, então chefe do Gabinete Militar do presidente João Batista Figueiredo, esperava-o para uma audiência. O bispo lhe disse, no seu jeito claro de se expressar:

- Há um engano. Não venho a Brasília para uma audiência com o general Venturini, mas para uma reunião na CNBB.

O coronel insistiu e dom José lhe respondeu:

- Diga ao ministro que estou indo para a CNBB e vou consultar os demais bispos. Dependendo da agenda de trabalho, poderemos marcar a audiência. Em todo caso, indo à audiência, não vou sozinho.

<sup>2</sup> Veja de Faustino Teixeira, “Dom Luciano: um testemunho de profecia e coragem” in portal da *Agência Carta Maior* em 30.08.2006.

<sup>3</sup> O regional da CNBB abarca o Pará e o Amapá.

No setor das embaixadas da capital federal, entre a nunciatura apostólica e as embaixadas da antiga União Soviética, Estados Unidos e Portugal, fica um prédio branco, de arquitetura despojada e funcional atrás de um jardim com grama bem cuidada. Trata-se da sede da CNBB. Dom José foi para o local. Ali haveria a reunião. Depois de se aconselhar com dom Luciano, ele acertou a audiência. Ela se realizou com a presença do secretário da CNBB que não deixaria sozinho, naqueles anos de ditadura, um bispo novo de uma diocese pequena e em conflitos fundiários cada vez maiores. O diálogo foi difícil. O general ponderou que a diocese possuía uma emissora, a rádio Educadora, funcionando de forma irregular por 16 anos. Dom José concordou. De fato, nesse período a diocese solicitou inutilmente autorização do governo para regularizar a única emissora da região. O general prometeu:

- Se a diocese retirar os frades dominicanos da emissora, a rádio será logo regularizada.

- Se eu retiro os padres dominicanos, o problema dos senhores não será resolvido, respondeu o bispo. Porque eu penso exatamente como eles.

Dom Luciano, mesmo se não tinha o mesmo jeito irlandês, apoiou-o incondicionalmente.

### Mortes e ameaças

1980. Os militares fecharam o cerco aos agentes pastorais de Conceição do Araguaia. A trégua tinha sido pequena, só o tempo necessário de conhecerem o novo bispo, que substituiu dom Estevão Cardoso de Avelar,<sup>4</sup> e de perceberem que ele também apoiava as linhas de pastoral seguidas pelo seu antecessor. Em um clima de insegurança e ameaças para a igreja, em maio de 1980, um fazendeiro, acompanhado por pistoleiros derrubou casas de posseiros na região de Caçador, em São Geraldo do Araguaia, e os ameaçou de morte. O fazendeiro foi morto e a imprensa noticiou que a igreja apoiou a ação dos posseiros com armas.

Como coordenava a CPT diocesana, fui a Brasília desmentir a informação. Procurei dom Luciano que me acolheu e facilitou meu encontro com os jornalistas. Ali pude conhecer melhor o secretário da Conferência dos bispos, sua sensibilidade e atenção com a causa dos lavradores e sua preocupação pastoral com a justiça. Para ele, a igreja não podia ser indiferente aos problemas concretos.

Durante a coletiva, expliquei aos jornalistas que eram improcedentes as acusações sobre as armas, que havia grilagem de terras, sobreposição de títulos definitivos, má fé de funcionários do Estado e abusos de poder. E expliquei que seis pessoas eram ameaçadas de morte na região de São Geraldo do Araguaia. Entre elas, o padre francês Aristide Camio e o candidato a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, Raimundo Ferreira Lima, o Gringo. A imprensa no dia seguinte, em 29 de maio, noticiou as ameaças. Na mesma manhã, Gringo, que me havia esperado em Conceição do Araguaia, por dois dias, seguiu para São Geraldo, passando por Araguaína, atual estado do Tocantins. Ali foi seqüestrado e assassinado. Deixou uma viúva e seis filhos menores.

---

<sup>4</sup> Entre 1972 e 1974, houve na área uma guerrilha, a maior que o país tinha sofrido até então, e a luta entre o Partido Comunista do Brasil e o Exército atingiu lavradores e índios. A igreja se posicionou contra a violação aos direitos humanos e o governo reagiu. Os bispos dominicanos Dom Estevão e dom Alano Pena, este da diocese de Marabá, padres e agentes de pastoral de ambas dioceses, responderam inquéritos policiais e posseiros, padres e freiras foram presos e torturados. As últimas prisões, em 1976, dois anos depois da guerrilha, tinham sido de alguns lavradores, um padre e um seminarista, na região de São Geraldo do Araguaia, da dioceses de Conceição do Araguaia. O padre, capelão militar gaúcho, jamais se recuperou das seqüelas da tortura.

## Prisões em São Geraldo

1982. Treze lavradores, ameaçados de expulsão da terra, em São Geraldo do Araguaia, reagiram e mataram um policial. Era o pretexto necessário que faltava ao exército para prender os padres franceses que atuavam na área, Aristide Camio e François Gouriou. Eles foram acusados de subversivos e terroristas. Já haviam fechado a rádio da diocese, anulado as eleições do sindicato, quando perceberam que a oposição ganharia do interventor nomeado pelo governo. Os lavradores foram torturados para acusarem os padres. Nisso não pouparam sequer um dos lavradores, que tinha sido guia do exército durante a guerrilha.

A diocese vivia mais um pesadelo. E o apoio de dom Luciano não faltou. Ele próprio e diversos bispos passaram a visitar os presos com regularidade e publicaram, em nome da CNBB, notas de repúdio à ação arbitrária do governo. No primeiro momento os presos foram levados para Belém; onde foram julgados e condenados apesar da defesa brilhante de uma equipe de advogados da qual participava Heleno Fragoso e Luis Eduardo Grenhalgh, entre outros. Houve recurso e os padres foram transferidos para Brasília. A sede da CNBB era um ponto de encontro e de acolhimento para os agentes pastorais da diocese. Dom Luciano conversava com frequência com os advogados dos padres para melhor acompanhar o desdobramento judicial dos fatos.

Finalmente o governo Figueiredo decidiu expulsar os dois missionários franceses mas houve um incidente. O presidente adoeceu e viajou para os Estados Unidos para se submeter a uma cirurgia. Substitui-o o vice, Aureliano Chaves. Cabia ao presidente em exercício assinar o decreto de expulsão. Sabendo do fato, dom Luciano avisou os padres. Estes, de imediato, escreveram um bilhete ao presidente no qual afirmaram não pedir privilégio, mas o direito ao recurso até a última instância. Dom Luciano levou a mensagem até Aureliano e os sacerdotes não foram expulsos.

Apesar de sua agenda apertada, dom Luciano foi a Conceição do Araguaia orientar um retiro para os agentes de pastoral. Assim a diocese, por três dias, teve a oportunidade de conhecer e usufruir ainda melhor este homem que uniu bem fé e vida, oração e compromisso social. E a diocese teria outras provas de sua amizade. Ele ainda se mobilizou para providenciar padres que cooperassem com São Geraldo no período de prisão dos padres franceses e ele mesmo esteve naquela paróquia para a inauguração da igreja de Jesus Cristo Libertador. No mesmo dia da inauguração, durante a cerimônia religiosa, chegou a notícia de que após dois anos e quatro meses presos, os padres e os lavradores tinham sido anistiados. Pelas ruas amedrontadas de São Geraldo do Araguaia, naquele dia de festa, se confraternizavam lavradores e algumas pessoas que levavam a diante um projeto de igreja inspirado na teologia da libertação e nas Comunidades Eclesiais de Base. Entre elas, dom Luciano e dom Pedro Casaldáliga.

## Trabalho Escravo

1983. Acompanhado por José Libório, lavrador de 24 anos, de Luciara, Mato Grosso, procurei dom Luciano. Pedi que ouvisse José Libório. O rapaz explicou ter escapado com dois amigos de uma fazenda em Santana do Araguaia onde as pessoas não tinham liberdade de sair, eram ameaçadas, havia violência e mortes.<sup>5</sup> Dom Luciano sabia que não era o único caso de trabalho escravo por dívida na região nem o primeiro. O

<sup>5</sup> Veja a transcrição do depoimento dos lavradores: “O acerto de contas é sempre arbitrário” in *O Social em Questão: uma revista do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC-Rio*. Volume 12, número 13, ano IX, 1º semestre de 2005: 94-97

que distinguia este caso dos demais, acentuei, era o número de vítimas, a possibilidade da polícia fazer um flagrante, libertar os retidos – em torno de mil pessoas, saberíamos depois - e instaurar um inquérito. Dom Luciano às vezes, enquanto falávamos, parecia dormir. Se parássemos de falar, contudo, ele abria os olhos e fazia perguntas pertinentes a respeito do que acabávamos de afirmar. De fato ele acompanhava atentamente tudo, apesar da aparência. As pessoas comentavam na CNBB que ele tinha insônia, que dormia só três horas por noite e que aproveitava estas horas para visitar enfermos nos hospitais e sem teto nas ruas. Ouviria mais tarde que ele, em São Paulo, em determinadas circunstâncias, chegava a levar morador de rua para sua casa.

Dom Luciano ficou sabendo que havia sido marcada, por telefone, uma audiência com o recém-empossado governador do Pará, Jader Barbalho, para tratar do problema do trabalho escravo, denunciado por José Libório. Na data definida, o governador, apesar do compromisso, viajou de Belém sem cancelar ou adiar a audiência. Imaginando alcançá-lo em Brasília, depois de avisar sua acessória, viajamos. O governador, mesmo sabendo, partiu da capital federal para o Rio de Janeiro sem avisar da impossibilidade de conceder a audiência também nesta data e neste local.

Dom Luciano ponderou que, diante da gravidade dos fatos e da dificuldade em tratar do problema com o governador, era melhor convocar a imprensa e denunciar a situação. A vida dos trabalhadores era uma prioridade. E a coletiva foi efetuada com o seu apoio. A imprensa, apesar da gravidade dos fatos, da importância da empresa denunciada e do lugar social onde era realizado a coletiva, ou justamente por isso mesmo, manteve-se em silêncio. Mas repercutiu no exterior, como acontecia com frequência naqueles anos e o caso, por isso, teria muitos desdobramentos posteriores.

#### Um padre é assassinado

1986. Em 10 de maio a notícia caiu sobre o país como uma bomba. Padre Josimo Moraes, 33 anos, tinha sido assassinado em Imperatriz. Com o apoio e a intervenção de dom Luciano, 10 dias antes, acompanhei cinco bispos do regional Centro-Oeste da CNBB, para uma audiência com o então presidente José Sarney. Na ocasião, o presidente foi alertado a respeito dos riscos que o padre sofria, pois havia sobrevivido em abril daquele mesmo ano a um atentado de cinco tiros. Como os membros da comitiva sabiam que o ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário, Nelson Ribeiro, encaminhava processos para desapropriação de terras e assentamento de lavradores, e o presidente não os assinava, eles cobraram medidas relativas à reforma agrária.

O presidente nada fez e Josimo morreu alvejado pelas costas, trazendo nas mãos cópias de um poema que havia escrito, chamado “Páscoa Paz”. Emocionado, dois dias depois, dom Luciano presidiu, em nome da CNBB, a missa de corpo presente em Tocantinópolis, Tocantins, e o sepultamento do padre que ele conhecia e admirava. A igreja completamente tomada por fiéis chorava copiosamente. Entre as pessoas que ali se encontravam, além de camponeses, padres e bispos, estava o ministro Nelson Ribeiro, também amigo de Josimo. Na ocasião, dada a omissão do presidente, foi sugerido ao ministro que renunciasse. E ele o fez poucos dias depois.

#### Notícia sobre a morte de um bispo

1994. A diocese de Conceição do Araguaia estava sem bispo e Roma tardava em nomear o sucessor de dom José Patrício Hanrahan. Nesse meio tempo, *O Estado de S. Paulo* publicou em 5 de novembro uma matéria surpreendente. O fazendeiro Jairo Andrade, da fazenda Forquilha, em Redenção, Pará, suspeito de utilização de mão-de-obra

escrava em suas fazendas e de envolvimento em muitas mortes, em entrevista concedida ao jornalista Luiz Maklouf Carvalho, afirmou que dom José Hanrahan, morto em 25 de maio do ano anterior, havia sido envenenado e reconheceu ter participado de diversos assassinatos.

Diante da informação, membros da diocese conversaram com dom Luciano, naquele momento já presidente da CNBB. Dom Luciano pediu informações sobre a circunstância da morte e sobre o laudo médico. Depois, enquanto arrumava sobre a mesa a mala para a viagem, atendia telefonemas, instruía o motorista, ele também ditava, em nome da Conferência dos Bispos, uma nota à imprensa com o cuidado de ressaltar inclusive a pontuação. O bispo não precisou reler ou corrigir algo. Ela pode ser publicada como estava.<sup>6</sup> Era de fato um homem capaz de fazer bem muitas coisas ao mesmo tempo.

### Considerações finais

Entre os anos setenta e noventa do século passado, com a sociedade civil tantas vezes silenciada pela repressão policial ou dos latifundiários, dom Luciano era uma rocha onde uma parcela perseguida da igreja se apoiava; alguém fundamental na proteção aos que viviam em situações de conflitos com o latifúndio e com a ditadura e corriam riscos de vida. As lembranças daqueles anos revelam a prontidão e coerência deste bispo de estatura pequena, voz baixa, aspecto frágil e inteligência aguda. Uma peça fundamental da Igreja Católica no Brasil e na América Latina, capaz de falar aos ministros, generais e presidente da república em nome de Deus e a favor dos pobres. Ia a palácios, justamente por ter os pés nas ruas. Homem de diálogo e de oração. Urbano em São Paulo ou Roma, tornava-se rural com os posseiros e peões nos rincões amazônicos ou camponeses de Mariana. Alguém que deixou marcas profundas na Igreja brasileira e cuja importância transbordou as fronteiras dessa terra.

---

<sup>6</sup> "O Estado de São Paulo publicou, no sábado, 5 de novembro, matéria a respeito dos fatos sucedidos no sul do Pará, lançando dúvidas sobre a causa da morte do Bispo Dom Patrício José Hanrahan, de Conceição do Araguaia. Temos a declarar, em nome da Presidência da CNBB, que a denúncia é grave, o que nos obriga a requerer dos órgãos competentes rigoroso exame dos fatos. Nada consta, até o momento, conforme o parecer do médico que atestou o falecimento de Dom Patrício José, no dia 24 de maio, no Hospital São Salvador, em Goiânia. Lamentamos, no entanto, a violência crescente que aflige a área do sul do Pará. As declarações publicadas pelo Estado de São Paulo, no dia 5 e nos dias anteriores, são estarrecedoras e exigem com urgência a sindicância e intervenção da autoridade judiciária e policial, para evitar novos excessos e a impunidade inadmissível que envolve a notícia de ameaças, torturas e assassinatos." *Brasília-DF, 10 de novembro de 1994. Dom Luciano Mendes de Almeida. Presidente da CNBB. Veja in: [http://www.arquidiocesedaopaulo.org.br/download/documentos/doc\\_cnbb-pronunciamentos\\_da\\_cnbb\\_1992\\_1996.rtf](http://www.arquidiocesedaopaulo.org.br/download/documentos/doc_cnbb-pronunciamentos_da_cnbb_1992_1996.rtf)*